



Aspectos sociais da linguagem nas ideias de William Dwight Whitney (1827-1894): notas historiográficas

Social aspects of language in the ideas of William Dwight Whitney (1827-1894): historiographic notes

Emily Gonçalves de Medeiros FERREIRA*

RESUMO: Neste artigo, busca-se resgatar aspectos sociais da linguagem no pensamento de William Dwight Whitney (1827-1894) a partir de uma perspectiva historiográfica (cf. KOERNER, 1996; 2014; SWIGGERS, 2013; 2019). As análises centram-se no livro *The life and growth of language* (WHITNEY, 1875), em que o autor apresenta um esboço da ciência linguística e reúne suas principais ideias. Primeiro, contextualiza-se autor e obra em relação ao clima de opinião do século 19 e sua importância na história da Linguística. Na sequência, examina-se aspectos sociais que atravessam as ideias linguísticas do autor na obra, considerando-se o que caracteriza a vida da linguagem, os processos de mudanças linguísticas e as participações do indivíduo e da sociedade na vida da linguagem.

PALAVRAS-CHAVE: Linguagem. Sociedade. William Dwight Whitney. Historiografia da Linguística.

ABSTRACT: In this paper we have sought to rescue social aspects of language in the thought of William Dwight Whitney (1827-1894) from a historiographic perspective (cf. KOERNER, 1996; 2014; SWIGGERS, 2013; 2019). The analysis is centered on the book *The life and growth of language* (WHITNEY, 1875), in which the author presents a draft of linguistic science and gathers its main ideas. First, author and work are contextualized in relation to the opinion climate of the nineteenth century and its importance in Linguistics history. In sequence, social aspects that cross linguistic ideas of the author in the work are examined, considering what characterizes language life, processes of linguistic changes, and the participations of individual and society in the life of language.

KEYWORDS: Language. Society. William Dwight Whitney. Historiography of Linguistics.

Artigo recebido em: 02.05.2023
Artigo aprovado em: 08.07.2023

* Doutoranda PROLING/UFPB. emily.gmf@outlook.com

1 Introdução

Neste artigo, buscamos resgatar aspectos sociais da linguagem nas ideias de William Dwight Whitney (1827–1894), linguista estadunidense que, além de destacado estudioso do sânscrito e das línguas ameríndias norte-americanas, dedicou-se a temas de linguística geral. De modo específico, tomamos como fonte de análise sua obra *The life and growth of language* (WHITNEY, 1875), traduzida e publicada no Brasil sob o título *A vida da linguagem* (WHITNEY, 2010).

Por “aspecto social da linguagem”, nos referimos à influência de elementos culturais, econômicos, políticos, entre outros, sobre a linguagem. Nessa perspectiva, nossa leitura de Whitney tanto considera relações entre linguagem e sociedade explicitamente estabelecidas pelo autor quanto observa eventuais características dessas relações que atravessem sua abordagem de temas linguísticos.

Na contramão da concepção biologista da linguagem que se desenvolvia no século 19, Whitney defendia uma perspectiva sociocultural da língua, compreendendo-a como um sistema de signos diretamente relacionado à expressão do pensamento, à comunicação entre seres humanos e à noção de “instituição social”. Suas ideias, de maneira geral, tiveram grande importância para o desenvolvimento da linguística.

Whitney teve mais de quatrocentos trabalhos publicados, entre traduções, ensaios, escritos técnicos, pedagógicos e teóricos etc. (cf. LONG, 1929; SEVERO; GÖRSKI, 2019). Entre eles, *The life and growth of language* (WHITNEY, 1875), obra sobre a qual nos debruçamos neste estudo, se destaca como uma proposta de “esboço da ciência da linguagem”, onde o autor aponta bases epistemológicas e agendas de pesquisa para a linguística moderna.

Nossas reflexões se apoiam em princípios da Historiografia da Linguística, disciplina cientificamente fundamentada que busca descrever e interpretar o conhecimento sobre a linguagem situado num dado recorte temporal e contextual (cf.

KOERNER, 1996; 2014; SWIGGERS, 2013, 2019). Nesse sentido, no resgate a aspectos sociais da linguagem nas ideias de Whitney, buscamos também compreender as circunstâncias em que tais ideias foram formuladas.

Dito isso, este artigo se organiza da seguinte maneira: primeiramente, contextualizamos brevemente a biobibliografia de Whitney em relação ao clima de opinião oitocentista e sua importância para a história da Linguística. Em seguida, analisamos aspectos sociais que atravessam as ideias do autor em *The life and growth of language* (WHITNEY, 1875), com apoio da tradução brasileira (WHITNEY, 2010). Finalmente, seguem-se nossas últimas considerações.

2 Whitney e os estudos da linguagem: breves considerações

William Dwight Whitney (1827–1894) foi um importante estudioso na área da linguagem do século 19. Ele ingressou no curso universitário do Williams College (EUA) em 1842, aos 15 anos, e se graduou em 1845, aos 18 anos. De acordo com Seymour (1963), após a graduação, Whitney passou três anos incerto sobre os rumos que seguiria em sua carreira. Trabalhou, durante esse período, como caixa no banco do seu pai, e em seu tempo livre se dedicava ao estudo de línguas estrangeiras e história natural (MILANI, 2007).

Em seus estudos, Whitney direcionou sua atenção ao sânscrito, tendo frequentado o recém-criado curso de pós-graduação de Yale (EUA). No início da década de 1850, ele estudou na Universidade de Berlim, onde foi aluno de Franz Bopp. De volta aos Estados Unidos, tornou-se professor de Sânscrito em Yale, onde ensinou também Línguas Modernas e, posteriormente, Filologia Comparativa.¹

¹ Estas e outras informações podem ser consultadas *online*, em área biográfica dedicada ao autor pela Universidade de Yale. Disponível em: <https://ling.yale.edu/about/history/people/william-dwight-whitney>. Acesso em: 20 jan. 2023.

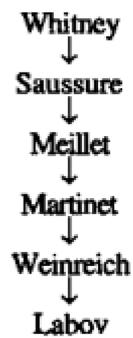
Além de ter atuado como professor, Whitney foi fundador da Associação Americana de Filologia, em 1869. Segundo Severo e Görski (2019, p. 2), ele foi reconhecido pelos estudiosos da linguagem de sua época como indianista, sanscrita, filólogo e comparativista; além disso, foi considerado “uma personalidade que detinha uma familiaridade com diferentes áreas do saber, como geologia (seu irmão era geólogo), botânica, literatura, astronomia e estudos de religião”.

Frisamos que, entre os mais de quatrocentos estudos desenvolvidos por Whitney, havia escritos de linguística geral, e que seu pensamento foi de grande relevância para os desdobramentos da ciência linguística. Uma evidência disso é o fato de seu livro *The life and growth of language* (WHITNEY, 1875), fonte de nossas reflexões, ter sido traduzido de imediato para o francês (pelo próprio autor), o italiano e o alemão, e, portanto, ter obtido ampla circulação entre os estudiosos da linguagem de sua época.

Koerner (2002), numa proposta de resgate histórico da linguística norte-americana, aponta a uma linha de pensamento que remonta ao final do século 19, quando autores como Michel Bréal (1832-1915), Hermann Paul (1846-1921) e o próprio Whitney reagiram contrariamente à perspectiva comumente associada a August Schleicher (1821-1868), Max Müller (1823-1900), entre outros, de que a linguagem deveria ser tratada como um organismo vivo e, conseqüentemente, a linguística deveria ser colocada entre as ciências naturais, e não sociais. Instaurava-se, então, uma mudança na atmosfera intelectual da época que fundamentaria o estabelecimento da Sociolinguística moderna. Nessa perspectiva, Koerner (2002, p. 269) propõe uma “linhagem”² histórica da sociolinguística contemporânea, que vai de Whitney até Labov:

² No doubt this is an overly simplistic ‘lineage’ and much more evidence, textual as well biographical, would have to be supplied in order to offer a more adequate picture (KOERNER, 2002, p. 264).

Figura 1 – De Whitney a Labov.



Fonte: Koerner (2002, p. 264).

Whitney foi o linguista americano mais influente da segunda metade do século 19 (KOERNER, 2002), e suas ideias alcançaram estudos publicados mais adiante, no século 20.

Faraco (2004; 2021) assinala, por exemplo, que no *Curso de Linguística Geral*, cujas ideias são atribuídas a Ferdinand de Saussure, há três referências a Whitney: uma menção pontual e duas de maior impacto. Segundo o autor, Saussure critica a tese de Whitney de que não há relação necessária entre o aparelho vocal e a linguagem, ao mesmo tempo que reconhece seu argumento de que a língua é uma convenção e a natureza do signo convencional é indiferente. O linguista genebrino concorda, ainda, com a arbitrariedade dos signos apontada por Whitney, afirmando, ao mesmo tempo, que faltou a este último a compreensão de que essa arbitrariedade separaria radicalmente a língua de todas as outras “instituições”.

Severo e Görski (2019), por sua vez, analisam a obra saussuriana *Escritos de linguística geral*, que apresenta dois textos dedicados a Whitney. Segundo elas, no primeiro deles, “Notas para um artigo sobre Whitney”, o autor reconhece o papel inovador de Whitney nos estudos comparados e destaca sua contribuição para a emergência de uma linguística geral. Uma de suas inovações estaria na compreensão da linguagem como uma “instituição” humana. No segundo texto, “Notas para o curso II (1908-1909): Whitney”, Saussure reconhece a relevância atribuída por Whitney aos

princípios da linguística indo-europeia na emergência e configuração dos estudos modernos de linguagem.

Também Severo e Görski (2019) apontam a atribuição a Whitney, por parte de alguns autores, do papel fundante na inserção da dimensão social nos estudos da linguagem. Por exemplo, segundo elas, em *Padrões Sociolinguísticos*, Labov divide os estudiosos do século 19 que se dedicaram à mudança linguística em dois grupos: o “grupo associal” e o “grupo social”, sendo Whitney o marco inicial deste último. As autoras ainda mencionam referências a Whitney em outros estudos labovianos. Portanto, assim como Saussure, em seus estudos, Labov tanto reconhece as contribuições de Whitney quanto tece críticas a suas ideias.

Quanto à obra *The life and growth of language*, de modo específico, Whitney (1875, p. 5) estabelece como seu propósito “to draw out and illustrate the principles of linguistic science, and to set forth its results, with as much fullness as the limited space at command shall allow”³. Nesse sentido, ele assume a tarefa de resumir, de forma coerente, os principais aspectos que delineiam a ciência da linguagem. De fato, esse clássico “estabelece as bases da linguística moderna, fixando, por assim dizer, a agenda de muitos dos estudos linguísticos que se desenvolverão ao longo de todo o século 19” (CRUZ, 2010, p. 7).

É importante salientarmos que as bases epistemológicas e agendas de pesquisa apresentadas pelo autor nessa obra são fruto de estudos e reflexões por ele desenvolvidos em momentos anteriores de sua carreira acadêmica. Nomeadamente, o autor menciona, no “Prefácio”, sua obra *Language and the Study of Language*, publicada em 1867. Além disso, conforme aponta Alter⁴, *The life and growth of language* resume

³ traçar e sustentar por meio de exemplos os princípios da ciência linguística e apresentar seus resultados da maneira mais completa possível dentro do espaço de que dispomos aqui (WHITNEY, 2010, p. 21).

⁴ Alter escreve: “The best source for learning about Whitney’s general linguistic thought is Whitney 1875, an abridged version of his extensive lectures on that subject published eight years earlier”.

informações expostas em extensas palestras ministradas pelo autor e publicadas oito anos antes, e, portanto, trata-se da melhor fonte para se aprender sobre o pensamento linguístico geral de Whitney. Em suma, podemos entender que a obra reúne as ideias fundamentais sobre temas de linguística geral desenvolvidas pelo autor e, portanto, se constitui como importante fonte de análise de seu pensamento linguístico.

3 Aspectos sociais da linguagem nas ideias de Whitney

Em *The life and growth of language*, Whitney (1875; 2010) compreende a linguagem sob duas perspectivas. A primeira, mais generalista, considera a linguagem como expressão do pensamento humano, e a partir desse conceito o autor inicia suas observações sobre a ciência linguística. Para ele, se considerarmos que tudo o que torna o pensamento humano apreensível é uma linguagem, será preciso, a fim de tratá-la como um objeto do estudo científico, restringir esse conceito. Nesse sentido, ele apresenta uma segunda definição de linguagem, específica da ciência linguística: “certain instrumentalities whereby men consciously and with intention represent their thought, to the end, chiefly, of making it known to other men: it is expression for the sake of communication” (WHITNEY, 1875, p. 1)⁵. O autor reconhece que há uma variedade de signos (gestos, escrita e sons articulados), mas enfatiza, em particular, a linguagem como o corpo de signos perceptíveis pela audição, pelos quais “in human Society thought is principally expressed, gesture and writing being its subordinates and auxiliaries” (WHITNEY, 1875, p. 2)⁶.

Disponível em: <https://www.oxfordbibliographies.com/display/document/obo-9780199772810/obo-9780199772810-0271.xml>. Acesso em: 31 jan. 2023.

⁵ um conjunto de signos pelos quais o homem exprime consciente e intencionalmente seu pensamento a seus semelhantes: é uma expressão destinada à transmissão do pensamento (WHITNEY, 2010, p. 17).

⁶ exprimimos habitualmente o pensamento na sociedade humana e aos quais se ligam de uma maneira secundária os gestos e a escrita (WHITNEY, 2010, p. 18).

É interessante percebermos, nas especificidades com as quais o linguista retrata a noção de linguagem, o papel fundamental que tem o ser humano. Sendo a linguagem expressão do pensamento, é o indivíduo que abstrai o mundo e exterioriza, através dos signos verbais, suas impressões, contemplações, leituras para um outro. Conseqüentemente, podemos pensar que o processo comunicativo gerado através da linguagem envolve também esse outro, que recebe e processa as informações que lhe foram transmitidas, e que tem a capacidade de gerar outras informações a partir disso. Isso indica que a linguagem é, ao mesmo tempo, individual e coletiva; gerada e significada por um na medida em que há interação com outro(s). De fato, ainda conforme Whitney, a linguagem é natural no ser humano e nenhuma sociedade humana é dela destituída: todas as pessoas falam e podem comunicar seu pensamento, a despeito de suas faculdades cognitivas.

Por um lado, o linguista compreende que a linguagem é um privilégio e uma das principais faculdades do ser humano como um todo e, nesse sentido, de modo essencialmente diferente dos meios de expressão instintivos desenvolvidos por outros animais, ela pode ser caracterizada como *una*. Por outro lado, o autor também aponta ao fato de que a linguagem humana é diversa, composta por línguas distintas, de corpos separados de signos audíveis que, mesmo se considerarmos apenas aqueles cujas diferenças não permitem a comunicação entre indivíduos de uma e outra língua, são muito numerosos. Ele afirma que as línguas se distinguem umas das outras em diferentes medidas; mas os sujeitos, com maior ou menor esforço, conseguem superar esses obstáculos e se compreender.

Whitney considera, ainda, que a diversidade de línguas não concorda com divisões geográficas, nem com a aparente divisão de “raças”, em seus limites e graus. Pode, por exemplo, haver mais diferenças linguísticas entre dois povos que falam a mesma língua ou línguas análogas do que entre dois povos cujas línguas são completamente distintas. Isto posto, para o autor, a ciência linguística:

strives to comprehend language, both in its unity, as a means of human expression and as distinguished from brute communication, and in its internal variety, of material and structure. It seeks to discover the cause of the resemblances and differences of languages, and to effect a classification of them, by tracing out the lines of resemblance, and drawing the limits of difference. It seeks to determine what language is in relation to thought, and how it came to sustain this relation; what keeps up its life and what has kept it in existence in past time, and even, if possible, how it came into existence at all. It seeks to know what language is worth to the mind, and what has been its part in the development of our race. And, less directly, it seeks to learn and set forth what it may of the history of human development, and of the history of races, their movements and connections, so far as these are to be read in the facts of language (WHITNEY, 1875, p. 4)⁷.

Ao afirmar que a ciência linguística estuda a linguagem tanto em seu conjunto quanto em suas variedades, Whitney se refere, respectivamente, à compreensão da linguagem enquanto expressão do pensamento e à observação de aspectos estruturais das línguas. Nesse movimento, o autor não apenas define propósitos para a ciência linguística, mas também retrata a linguagem enquanto objeto de estudo e representa, aí, duas faces: uma mais relacionada a sua essência, por assim dizermos, outra a sua composição. Uma referente a características mais abstratas, outra a características mais distintas das línguas. Note-se, ainda, que nesse momento o autor não propõe uma hierarquia entre uma e outra faceta dos estudos linguísticos; ambas se encontram no horizonte de interesses da ciência da linguagem.

⁷ tem como objetivo compreender a linguagem, primeiramente em seu conjunto, como meio de expressão do pensamento humano; depois em suas variedades, tanto em relação aos elementos constituintes como em relação à sintaxe. Ela se propõe a descobrir a causa dessas variedades, assim como as relações entre linguagem e pensamento, e a origem dessas relações. Ela pesquisa as razões de ser da linguagem no passado e no presente e, na medida do possível, seus primeiros desenvolvimentos. Ela se esforça para determinar seu valor como instrumento do pensamento e sua influência no desenvolvimento da nossa raça. Enfim, ela visa indiretamente a um outro estudo: o dos progressos da humanidade e o da história das raças, suas relações e migrações, na medida em que podemos descobri-los através dos fatos de linguagem (WHITNEY, 2010, p. 20).

Whitney também indica como propósito da linguística descobrir a causa da diversidade da linguagem, bem como suas relações com o pensamento e a origem dessas relações. Os estudos da ciência linguística, enfim, se debruçam sobre o valor e as razões de ser da linguagem através dos tempos (em sua origem, no passado ou no presente) e sua influência no desenvolvimento humano. O autor conclui esse raciocínio afirmando que a linguística visa, indiretamente, através das investigações acerca dos fatos da linguagem, o estudo dos progressos da humanidade e da história das “raças”.

Diante disso, vemos, no pensamento de Whitney, o estabelecimento de uma estreita relação entre fatores *internos* e *externos* da linguagem, além de fatores *externos à linguagem*, perspectiva esta que posteriormente se tornaria fundamental para os estudos desenvolvidos no âmbito da Sociolinguística. Ao longo da obra, o autor desenvolve e exemplifica essas ideias.

3.1 Do que caracteriza a vida da linguagem

Quando passa a tratar do que chama de “vida da linguagem”⁸, Whitney pontua a aquisição da linguagem como uma questão elementar e fundamental nos estudos linguísticos, cuja resposta orientaria toda a filosofia dessa ciência. Ele afirma que, nesse quesito, a evidência, o senso comum e a ciência, pela análise e pelo estudo, apontam o mesmo caminho: que os indivíduos adquirem sua língua aprendendo-a daqueles que os cercam.

Para o autor, uma das implicações desse fato é que a língua não é uma característica herdada pela “linhagem” dos indivíduos, como ocorre com a cor de sua pele ou com sua constituição física. Um exemplo disso estaria no fato de que descendentes de “raças” distintas falam a mesma língua quando vivem num mesmo

⁸ Ressaltamos que, apesar do uso da expressão “vida da linguagem”, Whitney não concordava com a abordagem literal da analogia evolucionista emergente no século 19. Para uma reflexão mais aprofundada sobre este assunto, sugerimos a leitura de Koerner (2002) e Marra (2012).

país. O linguista aponta, entre outros cenários, o caso da nação estadunidense, que é composta por descendentes de ingleses, irlandeses, alemães, africanos, asiáticos e do sul da Europa falantes da mesma língua (a língua inglesa), e cujas diferenças linguísticas se devem a questões relativas ao grau de educação e ao local onde eles vivem. Nessa direção, crianças de origem estrangeira aprendem a língua do lugar onde vivem com a mesma facilidade e a utilizam com a mesma habilidade com que aprendem e utilizam a língua de suas origens, de seus antepassados. Aliás, em tal cenário, a criança pode ou não aprender a língua de seus antepassados, mas certamente aprenderá a língua do contexto em que vive. Desse modo, não é a “raça” que determina a língua que o sujeito aprende e fala, havendo nesse processo uma forte influência do contexto em que vive.

Outra consequência da noção de que as línguas são aprendidas diz respeito ao fato de que elas não são espontaneamente produzidas pelos indivíduos, concomitante ou proporcionalmente a seus processos de desenvolvimento físico e intelectual. Como afirma Whitney (1875, p. 9-10), “the distribution of human dialects is as irreconcilable with that of natural capacity and bent as with that of physical form among human beings”⁹. Ou seja, a língua em uso numa comunidade de fala independe da semelhança na constituição física e intelectual dos sujeitos: pessoas muito diferentes podem ser falantes de uma mesma língua; e pessoas muito semelhantes podem não ser falantes de uma mesma língua, e, quando o são, não é essa semelhança o fator determinante.

As ideias de Whitney apontam, dessa maneira, para a importância da sociedade na vida da linguagem. Afinal, o contexto em que se vive e em que se desenvolvem as relações entre os indivíduos influencia na(s) variedade(s) de língua adquirida(s) pelos indivíduos. São as relações sociais, e não a “linhagem” ou as capacidades físicas e

⁹ a distribuição das línguas e dos dialetos não tem nenhuma relação com as capacidades naturais, as inclinações e a forma física dos falantes desse dialeto (WHITNEY, 2010, p. 24)

intelectuais particulares de cada indivíduo, que agem primordialmente no processo de aquisição de uma determinada língua.

Sobre o processo pelo qual a criança adquire a língua, Whitney afirma que, primeiro, ela aprende a observar e distinguir os objetos, a reconhecer as individualidades das pessoas e das coisas e, nesse período, exercita e aprende a dominar os órgãos vocais através do instinto e da imitação. À medida que a criança vai se desenvolvendo, as palavras e as formas vão sendo associadas, e essa associação vai passando de estados mais vagos a estados mais precisos. Esse processo não se limita à infância, mas frequentemente se estende por toda a vida do sujeito. “Thus, in every respect, language is the expression of matured and practised thought, and the young learner enters into the use of it as fast as natural capacity and favoring circumstances enable him to do so” (WHITNEY, 1875, p. 14)¹⁰. A criança espelha a língua da sociedade em que se desenvolve, pois a observação e a imitação partem daquilo que ela vê e ouve, assim como as associações entre som e forma que se dão ao longo de sua vida. Assim, a língua é passada de geração em geração pelos membros que compõem uma determinada sociedade, e o uso desta e não de outra língua é independente da “raça” ou da constituição dos indivíduos.

Muitas questões poderiam ser suscitadas na observação dessas relações. Para Whitney, ao linguista cabe a preocupação com o seguinte: numa determinada sociedade, existem signos articulados que designam conceitos específicos, e todos os membros que, de alguma maneira (pelo nascimento, pela imigração ou pelo estudo), passam a integrar essa sociedade aprendem a empregar esses signos. Ele traz o exemplo da palavra *green* [verde], pela qual, numa dada comunidade, se designa uma certa classe de tons entre matizes infinitamente variados da natureza e da arte. Os

¹⁰ Assim, em todos os aspectos, a linguagem é a expressão do pensamento exercitado e amadurecido, e o jovem aprendiz a adquire tão logo suas capacidades naturais e as circunstâncias o permitirem (WHITNEY, 2010, p. 28).

indivíduos que aprendem a língua inglesa associam esse signo à sensação desses tons e empregam-no para designá-los; além disso, aprendem a classificar outras cores sob outros signos. A tarefa do linguista, então, é investigar questões como o que fez com que esses signos fossem postos em uso, a história de sua produção e de sua aplicação, suas origens e razões (se é que estas podem ser descobertas).

É importante destacarmos, como o fez o autor, que o objetivo de estudos dessa natureza não é necessariamente contar a história da língua; ao menos, não se limita a isto. Em suas observações, Whitney na verdade chama atenção para a característica arbitrária e convencional dos signos linguísticos. Ele aponta para o fato de que o que leva ao emprego de uma palavra e o seu uso ao longo do tempo têm razões diferentes. O processo de aprendizado das línguas é o mesmo em todas as sociedades: as palavras são ouvidas pelos indivíduos em circunstâncias que os fazem compreender as ideias que representam e abstrair os seus sentidos; mas crianças nascidas em sociedades diferentes (e com línguas diferentes) se referem às mesmas coisas por meio de palavras distintas. Para a criança, não há uma ligação intrínseca e necessária entre a palavra e a ideia, e as razões históricas que levaram ao uso de tal palavra para exprimir tal ideia lhe são desconhecidas: o fato de as pessoas em seu contexto usarem essa palavra é o suficiente para que ela também a empregue.

In the true and proper meaning of the terms, then, every word handed down in every human language is an arbitrary and conventional sign: arbitrary, because any one of the thousand other words current among men, or of the tens of thousands which might be fabricated, could have been equally well learned and applied to this particular purpose; conventional because the reason for the use of this rather than another lies solely in the fact that it is already used in the community to which the speaker belongs (WHITNEY, 1875, p. 19)¹¹.

¹¹ Portanto, pode-se dizer, num sentido exato e preciso, que toda palavra transmitida é um signo arbitrário e convencional: arbitrário, porque qualquer outra palavra, entre as milhares que utilizamos e as dezenas de milhares que poderíamos utilizar, poderia ter sido aplicada à ideia; convencional, porque

Cada língua tem, então, seu conjunto particular de signos, arbitrários e convencionais, e sua forma de empregá-los; e o conhecimento adquirido pelas pessoas que aprendem determinada língua, bem como sua leitura de mundo, a ela se moldam no processo de formação do pensamento. Nesse sentido, Whitney distingue a linguagem interior, que diz respeito à forma mental do pensamento, de suas influências exteriores, das quais resulta a primeira como consequência do processo de aprendizagem da língua. “It amounts simply to this: that the mind which was capable of doing otherwise has been led to view things in this particular way, to group them in a certain manner, to contemplate the consciously in these and those relations” (WHITNEY, 1875, p. 22)¹².

Com isso, o autor se refere não a uma suposta unidade de pensamento de membros de uma mesma sociedade, como se todos os indivíduos de uma comunidade de falantes tivessem os mesmos conhecimentos e a mesma leitura de mundo, mas sim ao fato de que os mesmos signos linguísticos são utilizados na formação de seu pensamento. Assim, a linguagem se molda a partir do social e se torna o meio necessário tanto para o pensamento quanto para a comunicação. Para usarmos uma metáfora proposta por Whitney, as palavras são para a mente humana o que as ferramentas são para suas mãos:

By as much as, supplied with these, man can traverse space, handle and shape materials, frame textures, penetrate distance, observe the minute, beyond what he could compass with his unequipped physical

a razão para empregar esta e não aquela é que a sociedade à qual a criança pertence já a emprega (WHITNEY, 2010, p. 32).

¹² [...] significa simplesmente o seguinte: o mesmo sujeito que poderia ter tomado uma direção inteiramente outra foi conduzido a ver as coisas desse modo, a agrupá-las assim, a contemplá-las interiormente em tal ou tal relações (WHITNEY, 2010, p. 34).

powers, by so much is the reach and grasp, the penetration and accuracy, of his thought increased by speech (WHITNEY, 1875, p. 23)¹³.

Um aspecto importante do processo de transmissão e aprendizagem das línguas nas ideias de Whitney diz respeito ao fato de que sua força de conservação é apenas um dos lados da vida da linguagem. Se nenhuma força contrária interferisse numa sociedade, se esse processo se mantivesse estável ao longo do tempo, seus integrantes continuariam a falar exatamente da mesma maneira. Entretanto, toda língua viva se encontra constantemente em formação e mudança, isto é, mudanças linguísticas acompanham, em certa medida, mudanças sociais. Podemos encontrar, em paralelo à língua em uso, monumentos dessa mesma língua que remontam a períodos passados: quanto mais antigos forem esses monumentos, afirma Whitney (1875; 2010), maiores serão as diferenças entre o idioma atual e o passado.

Nesse ponto se dá a crítica do linguista à leitura biologista da linguagem como um organismo. Whitney defende a perspectiva de que a linguagem é uma instituição de invenção humana, transmitida pela tradição e, como tal, sujeita à mudança. Por um lado, essa tradição é, por natureza, imperfeita e inexata, e não se pode impedir que aquilo que é transmitido seja alterado. Por outro lado, à medida que a mente do indivíduo se desenvolve, passa a modificar e ampliar os moldes da língua adquirida e a adaptá-los conforme suas próprias necessidades. “They are matters of individual detail; each item, or each class of accordant items, has its own time and occasion, and analogies and secondary causes, and consequences; it is their sum and collective effect which make up the growth of language” (WHITNEY, 1875, p. 43)¹⁴.

¹³ Da mesma forma que, através dessas ferramentas, o indivíduo pode manipular e talhar os materiais, tecer, percorrer distâncias, medir o tempo com muito mais exatidão do que faria unicamente pelos meios naturais, ele multiplica, mediante as palavras, as capacidades e as operações do pensamento (WHITNEY, 2010, p. 35-36).

¹⁴ É uma questão de detalhes. Para cada palavra ou classe de palavras, o tempo, as circunstâncias, as analogias, as causas secundárias, as consequências agem nela e por ela. É a soma de todas essas influências que faz com que uma língua seja viva e que ela cresça (WHITNEY, 2010, p. 53).

3.2 Dos processos de mudanças na linguagem

No que diz respeito às mudanças linguísticas e suas causas (distantes ou próximas), Whitney apresenta uma classificação que distingue três tipos de processos: i. alteração de velhos elementos da linguagem; ii. destruição de velhos elementos da linguagem; iii. produção de novos elementos. Não nos deteremos, aqui, na abordagem exaustiva de nenhum desses processos, nem na diversidade de exemplos trazidos pelo autor; entretanto, algumas considerações podem ser feitas sobre aspectos sociais que circundam a mudança linguística.

Na abordagem do primeiro desses processos, a alteração de velhos elementos da linguagem, Whitney inicialmente discorre a respeito da origem das palavras. O autor traz como exemplo o termo *bishop* [bispo], que deriva da palavra grega *epískopos* e originalmente designava a pessoa responsável por vigiar os negócios de uma pequena comunidade cristã. “First, the name had its origin in a need which arose at a particular time and place in the progress of human history. A new religion came into being, and required organization of its votaries; and this made a call for technical designations of its officials [...]” (WHITNEY, 1875, p. 47)¹⁵. Esse termo ainda se encontra em uso, segundo as devidas particularidades de cada língua, no alemão (*bischof*), no espanhol (*obispo*), no francês (*évêque*), no inglês (*bishop*) e no português (*bispo*). Não apenas sua forma sofreu transformações, mas também o seu significado: se, a princípio, o bispo era uma espécie de guardião, mais tarde passou a ser visto como um oficial consagrado, dotado de autoridade espiritual e temporal em regiões inteiras. Assim, o título atravessou, juntamente com a instituição à qual pertencia, a memória e o uso de vastas comunidades que não falavam o grego e não tinham a menor ideia de

¹⁵ Primeiramente, a palavra tem sua origem numa necessidade que se produz numa determinada época e em circunstâncias particulares da história humana. Uma nova religião nasce; uma organização lhe é necessária e nomes para designar os oficiais que irão formar o quadro dessa organização (WHITNEY, 2010, p. 57).

seu sentido original, mas servia a seu propósito nessas sociedades tão bem quanto se sua história fosse conhecida (WHITNEY, 1875, 2010). Nessa perspectiva, porque serve à sociedade, o termo permanece em uso. O signo se distancia de seu objeto de origem e sua história, seu significado, acompanha o curso das mudanças sociais, e, pelo fato de o signo linguístico ser arbitrário e convencional, a língua se adapta às necessidades de seus falantes.

Whitney esclarece que uma palavra pode mudar mais ou menos de forma e manter o seu significado, assim como pode mudar completamente o seu significado e manter a sua forma. O que leva à mudança de forma, segundo ele, é a tendência a nos desfazermos de partes suprimíveis sem que haja o comprometimento do sentido, e a dispormos as partes restantes em conformidade, tanto quanto possível, a nossos hábitos e preferências. Esse tipo de mudança se caracteriza, então, pela comodidade e pela economia de meios, que primeiro produz as formas linguísticas e, depois, as mutila e destrói (WHITNEY, 1875; 2010).

O autor ainda apresenta uma série de outros exemplos para explicar como atuam as tendências à comodidade e à economia de meios, aliados a descrições do funcionamento do aparelho fonador humano e a questões teóricas da fonologia. Ele chega, enfim, a um ponto importante para nossas considerações:

There is always one element in linguistic change which refuses scientific treatment: namely, *the action of the human will*. The work is all done by human beings, adapting means to ends, under the impulse of motives and the guidance of habits which are the resultant of causes so multifarious and obscure that they elude recognition and defy estimate. [...] The real effective reason of a given phonetic change is that *a community*, which might have chosen otherwise, willed it to be thus; showing thereby the predominance of this or that one among the motives which a careful induction from the facts of universal language

proves to govern men in this department of their action (WHITNEY, 1875, p. 73-74, grifos nossos).¹⁶

A partir disso, podemos entender que a sociedade é um fator determinante para tal mudança linguística. A língua não é autônoma, nem possui uma história independente. Há tendências de mudança identificáveis, e investigações a respeito disso estão no horizonte de interesses da ciência linguística; mas a mudança não acontece por volição da própria linguagem: na verdade, está intimamente relacionada à “ação da vontade humana”.

Quanto à mudança no significado das palavras, a arbitrariedade dos signos linguísticos permite a resignificação dos termos conforme as necessidades dos indivíduos. Acerca disso, Whitney (1875; 2010) pondera que, se a criação de uma nova palavra para substituir outra quando o conceito se modifica fosse tão fácil quanto estender a significação da palavra que já integra o vocabulário da língua, talvez não houvesse mudança de sentido. Entretanto, na prática, o sentido original não se torna um obstáculo para os processos de construção de novos significados. Termos já conhecidos são continuamente aplicados a novas ideias, sem que haja confusão entre o velho e novo.

Em relação ao processo de mudança linguística pela destruição dos velhos elementos da linguagem, Whitney afirma que essa subtração concorre com o crescimento. As palavras que compõem uma língua são conservadas pela tradição, que, conforme já mencionamos, é imperfeita, inexata e sujeita a mudanças. “Existence,

¹⁶ Há um elemento de mudança fonética que sempre se recusa à análise científica: a *ação da vontade humana*. A obra é aquela do homem, que adapta os meios ao fim sob a impulsão de motivos e de hábitos que são o resultado de causas múltiplas e tão misteriosas que elas resistem a toda investigação. [...] A verdadeira razão de uma determinada mudança fonética é que uma *sociedade*, que poderia ter efetuado qualquer outra, quis escolher esta, mostrando, desse modo, a predominância de tal ou tal motivo entre aqueles que uma indução atenta permite reconhecer como causas ordinárias dessas mudanças (WHITNEY, 2010, p. 80, grifos nossos).

in speech, is use; and disuse is destruction” (WHITNEY, 1875, p. 98)¹⁷. Nesse sentido, a interrupção no uso de determinada palavra é que conduz ao seu desaparecimento, e o linguista indica duas razões para que isso aconteça: a perda da ideia e a substituição.

No primeiro caso, a menos que seja preservada, como memória do passado, por algum dos meios proporcionados pela cultura (WHITNEY, 1875; 2010), a palavra se perde como consequência da perda da ideia que exprimia. Entre os exemplos desse apagamento, o linguista menciona a perda de palavras pertencentes ao antigo vocabulário das ciências, das artes e das instituições que desapareceram. É interessante percebermos que essas áreas são relacionadas a aspectos como a organização, o conhecimento e a forma como os sujeitos reconhecem suas práticas numa sociedade, e que o uso ou não dos termos está intimamente ligado à continuidade ou não das convenções. Ou seja, a manutenção na tradição ou o desaparecimento de palavras de uma determinada língua dialogam com a cultura e as necessidades comunicativas da sociedade que dela faz uso.

No segundo caso, as palavras se perdem “[...] by the coming into use of other words which mean the same thing, and which for some cause, definable or not, win the popular favour, and supplant their predecessor” (WHITNEY, 1875, p. 100)¹⁸. Whitney cita, por exemplo, as mudanças na língua inglesa decorrentes do processo histórico da conquista normanda, em que muitas palavras de origem francesa passaram a incorporar o vocabulário saxão, ocasionando o desaparecimento de uma porção de velhas palavras. Dois apontamentos podem ser feitos a partir disso: primeiro, que esse processo histórico é, necessariamente, político e social, e o contato entre as duas línguas decorre dessas relações; segundo, que a mudança é antecedida

¹⁷ “Para uma palavra, ser é ser usada; não ser usada é o princípio da morte” (WHITNEY, 2010, p. 103).

¹⁸ “[...] quando sinônimos que lhes são dados prevalecem e suplantam seus predecessores, por uma razão apreciável ou não” (WHITNEY, 2010, p. 105).

por um período de manifestação de “variações linguísticas”, em que há a coocorrência do uso de elementos linguísticos distintos para se tratar das mesmas coisas.

Whitney também explica que a importação de palavras de outras línguas é apenas um dos fatores que levam a essa substituição. Ele afirma que muitas palavras entram em desuso também por “acaso” e “capricho”, e aponta diferentes graus de deterioração: palavras que se tornam incomuns ou reservadas a locuções particulares; termos consagrados no estilo arcaico ou no estilo poético. Alguns desses termos se tornam incompreensíveis; com o passar do tempo, outros podem ser encontrados em determinados dialetos locais. Na leitura de autores antigos, por exemplo, estamos sujeitos a essa perda no sentido, muitas vezes nos limitando a uma compreensão superficial de ideias profundas ou acreditando que entendemos onde o real sentido nos escapa (WHITNEY, 1875; 2010).

Quanto ao processo de mudança a partir da produção de novas palavras, para os propósitos do nosso estudo, temos pouco a dizer. De acordo com Whitney, essa produção constitui o desenvolvimento da linguagem num sentido mais direto e natural do que os anteriores, e esclarece mais distintamente as forças que conduzem esse desenvolvimento, ao mesmo tempo que se configura como um processo muito mais lento. O acréscimo de novas palavras visa expandir e aperfeiçoar a expressão do pensamento, fornecer novos signos a novas ideias, e conceber as velhas ideias sob termos que melhor as traduzam. Ocorre, por exemplo, com a criação de novas tecnologias e de recursos digitais, com a formulação de novos conceitos em tratados teóricos e científicos, ou, ainda, com a revisão de conceitos já estabelecidos. Em síntese, trata-se do enriquecimento da língua em paralelo a necessidades advindas de mudanças (políticas, culturais, científicas, entre outros) estabelecidas nas sociedades.

3.3 Das participações do indivíduo e da sociedade na vida da linguagem

Um ponto importante da teoria de Whitney, que se contrapõe a ideias em circulação em seu tempo, está relacionado à noção de que o pensamento antecede o signo. Nessa perspectiva, todo ato de nomenclatura é precedido da concepção, e a palavra surge conforme sua necessidade é sentida pelos falantes, mesmo nos casos em que não houver consciência dessa necessidade. “The mind not only remodels and sharpens its old instruments, but also makes its new ones as it works on” (WHITNEY, 1875, p. 140)¹⁹, e a falta de consciência desse processo, por vezes, leva à negação da ação da vontade humana no desenvolvimento da linguagem, já que os acréscimos à língua são feitos a partir da própria língua e que os indivíduos se sentem incapazes de realizar mudanças na língua arbitrariamente e através de sua autoridade. Em certa medida, diz o autor, é a sociedade, e não o indivíduo, que faz com que a língua mude, mas é preciso entendermos a participação e a diferença entre eles na vida da linguagem.

Whitney afirma, então, que a língua pertence à coletividade, e não ao indivíduo. Ela existe, antes de tudo, como um meio de comunicação, e seus outros usos são secundários. De fato, o linguista afirma que uma língua que apenas um indivíduo compreende e pode usar não teria direito ao nome de língua, pois é absolutamente necessário que os sons articulados sejam aceitos por uma comunidade para que possam se chamar “língua” (WHITNEY, 1875; 2010). Vale mencionarmos que essa noção de “língua” se assemelha àquela que posteriormente se lia na obra saussuriana, segundo a qual a língua é “a parte social da linguagem; externa ao indivíduo, que sozinho não pode nem criá-la nem modificá-la; ela só existe em virtude de uma espécie de contrato firmado entre os membros da comunidade” (SAUSSURE, 2021, p. 58).

¹⁹ A mente não somente refaz e aguça seus velhos instrumentos, mas ela continua a criar outros, em sua atividade incessante (WHITNEY, 2010, p. 139).

O autor argumenta, ainda, que a ação do indivíduo sobre a língua é restrita e condicional:

In the first place, an individual's alterations and additions, if not adopted by others and kept up in their tradition, die with him, and never come to light at all. But again, even if he were careless of offending the prejudices or shocking the taste of his fellows, he would not, at any rate, pass the limit of being intelligible to them; and this would be by itself a powerful brake to check his arbitrary action. But such a brake is unnecessary, because, in the third place, each individual feels, in the main, the governing force of the same motives which sway the minds of his fellows. He does not himself incline, any more than they would incline to allow him, to abandon the established habits of speech and go off upon a tangent, toward some new and strange mode of expression (WHITNEY, 1875, p. 149-150)²⁰.

Em outras palavras, para que uma transformação de fato ocorra na língua, é necessário que o coletivo aceda à forma e que a tradição a mantenha; do contrário, trata-se apenas de uma particularidade daquele sujeito e desaparece depois de sua morte. No entanto, uma vez que a função primeira da linguagem é a expressão do pensamento e, portanto, a comunicação, a tendência é que os indivíduos sigam a tradição, os mesmos usos linguísticos que a sociedade em que vivem, e que novos elementos sejam incorporados à língua quando velhos elementos precisem ser aperfeiçoados ou não deem conta da necessidade que surge. No mais, como também diz o autor, tudo na língua procede por analogia e, a partir de seus próprios elementos e do engenho dos falantes, se adapta às necessidades comunicativas sem a necessidade constante de transformações e novas criações.

²⁰ Primeiramente, se as adições e as mudanças feitas por um indivíduo não são aceitas pela comunidade e conservadas pela tradição, elas morrem com ele. Em seguida, se o indivíduo ultrapassasse muito os limites e se afastasse dos hábitos convenientes, ele não seria compreendido e isso bastaria para restringir sua atividade; mas essa barreira é inútil, porque, em última análise, o indivíduo vive sob o império dos mesmos hábitos que seus concidadãos e pensa quase da mesma forma. Ele não se sente inclinado, mais do que os outros, a se desfazer das formas usuais do discurso e a passar na tangente buscando algum modo de expressão estranho (WHITNEY, 2010, p. 147).

Nesse cenário, o equilíbrio entre o individual e o coletivo pode ser percebido na soma das preferências linguísticas de uma sociedade, no que compõe o arranjo atual de sua linguagem. Sobre isso, Whitney ainda esclarece:

Our recognition of the community as final tribunal which decides whether anything shall be language or not, does not, then, in the least contravene what has been claimed above respecting individual agency. Some one must lead the way for the rest to follow; if they do not follow, he falls back or stands alone. The community cannot act save by the initiative of its single members; they can accomplish nothing save by its cooperation (WHITNEY, 1875, p. 150-151)²¹.

Ou seja, ainda que a aceitação de determinadas formas na estrutura da língua seja, em última instância, determinada pela sociedade, é com o indivíduo que temos o estopim da mudança. É ele que dá continuidade à tradição e, ao mesmo tempo, que transforma a linguagem. Conforme o discurso é construído pelo sujeito, as analogias lhe servem como ferramentas para atingir os objetivos comunicativos; nesse processo, podem ocorrer variações de forma e de significado. A mudança acontece quando, ao invés de cair no esquecimento, a palavra transcende o individual e vai sendo reproduzida de pessoa para pessoa, até atingir o hábito e o uso do coletivo.

Seguindo por esse raciocínio, Whitney (1875; 2010) afirma que, em todas as línguas e em todas as épocas, houve processos em que palavras e formas se mantiveram em estado transitório, não chegando a completar a mudança, como formas na iminência de se alterar, mas não alteradas; expressões empregadas, mas incomuns; pronúncias antigas que começaram a parecer estranhas e outras novas que se tornam frequentes. São variações que alcançam uma parcela do coletivo, mas não o

²¹ Reconhecer a sociedade como árbitro soberano, que decide se uma inovação será ou não aceita não é negar a ação individual em matéria de linguagem. É preciso que alguém comece; se ele é seguido, o trabalho está feito; se ele não é seguido, o trabalho é abortado. A comunicação não pode agir senão pela iniciativa dos indivíduos (WHITNEY, 2010, p. 147-148).

todo, e que coexistem com outras formas de se expressar as mesmas coisas. Podemos então associar essa ideia ao conceito sociolinguístico de variação estável, em que dois ou mais elementos linguísticos convivem nos usos de uma comunidade de falantes ao longo do tempo sem que um ceda lugar ao outro.

Nesse sentido, Whitney adverte que o caráter uniforme da língua não é absoluto. Em certa medida, ainda que o mesmo idioma seja falado por uma determinada sociedade, os indivíduos que dela fazem parte têm sua própria maneira de fazer uso dessa língua. É nesse contexto que o autor passa a tratar do que chama de “*dialectic differences*” [diferenças dialetais] (WHITNEY, 1875, p. 155), que se sustentam em todo grupo de pessoas. Essas diferenças estão intimamente relacionadas a questões externas à própria língua, como a organização em grupos e o funcionamento das sociedades.

Whitney menciona, por exemplo, a profissão dos indivíduos como critério de diferença, que dá conta de expressões específicas de sua atividade que apenas pessoas que possuem o mesmo conhecimento podem compreender; assim como o grau de instrução, ou o nível de escolaridade dos sujeitos, também influencia na forma como se comunicam. E, nesse ponto, chamamos atenção a uma questão: referindo-se a pessoas pouco ou não escolarizadas, Whitney explica que as construções gramaticais ruins, os vícios de pronúncia, as gírias e as expressões chulas advêm em parte da tradição e em parte da tentativa de novas construções. Assim, se uma tradição é passada no processo de escolarização, não se pode ignorar que outras são passadas de pessoa para pessoa no processo de aprendizado da língua; além disso, a despeito do repúdio das pessoas escolarizadas e pertencentes a estratos sociais mais altos, as formas linguísticas produzidas por esses sujeitos eventualmente passam a incorporar a estrutura da língua.

Whitney também menciona a idade dos indivíduos como critério de diferença, que interfere na linguagem individual e, também, na maneira como são percebidas

outras formas da linguagem. É interessante pensarmos, ainda, em sobreposições nesses critérios de variação dialetal: o indivíduo pode não ser formado em determinada profissão, mas ter conhecimento dela; pode ainda exercer uma atividade que não exige formação; e tudo isso em diferentes idades.

Em síntese, para Whitney (1875; 2010), o grau de escolaridade das pessoas, seu estrato social, sua faixa etária, sua origem geográfica, a situação comunicativa em que se encontram, a profissão que exercem, todos esses elementos influenciam e conduzem as variedades próprias da língua, que surgem de acordo com as particularidades dos indivíduos. Ao mesmo tempo, o autor considera que, apesar de todas as suas variedades e de, em determinados assuntos, as pessoas não se entenderem, a língua é uma só e encontra sua unidade especialmente nos interesses em comum da sociedade; pois, dado que o objetivo imediato da linguagem é a comunicação do pensamento, o fato dessa comunicação ser possível promove a unidade da linguagem.

No one can define, in the proper sense of that term, a language; for it is a great concrete institution, a body of usages prevailing in a certain community, and it can only be shown and described. You have it in its dictionary, you have it in its grammar; as also, in the material and usages which never get into either dictionary or grammar; and you can trace the geographical limits within which it is used, in all its varieties (WHITNEY, 1875, p. 157)²².

A necessidade de se comunicar, ao mesmo tempo que se opõe a transformações, unifica a linguagem e generaliza as mudanças na língua. Assim, porque precisam se comunicar, as pessoas continuam a usar a linguagem compartilhada, e aquilo que

²² Ninguém poderia dar uma definição abstrata da palavra língua, porque uma língua é uma grande instituição concreta, um conjunto de usos que prevalece em lugar e tempo determinados e tudo o que se pode fazer é mostrar e descrever esses usos. Você os encontrará nas gramáticas, nos dicionários e também nos hábitos da linguagem que nem gramática, nem dicionário seriam capazes de fornecer e você pode traçar os limites geográficos nos quais eles estão estabelecidos com todas as suas variedades (WHITNEY, 2010, p. 152).

enfraquece o político e o social, que divide a sociedade em diferentes grupos, ocasiona o surgimento das diferenças linguísticas.

Whitney aponta a civilização de um povo como um importante fator para a conservação da língua e a preservação de sua unidade. Segundo ele, como resultado de um sentimento nacional forte o bastante para implicar o culto ao passado, a civilização passa a produzir uma literatura, que por sua vez se torna o padrão a partir do qual as futuras tentativas de mudança na língua são julgadas. Além da escrita, o predomínio do ensino e os hábitos de conservar registros e de ler são mencionados pelo autor como influências que, atingindo certo nível de força nos costumes da sociedade, passam a dominar a história da linguagem.

Podemos, então, relacionar essas questões com a diferença dialetal gerada pelo grau de instrução dos sujeitos: quanto maior a escolarização do indivíduo, mais próximo ele se torna dos hábitos de escrita e de leitura e, portanto, do padrão de língua da sociedade. A unidade da civilização é fortalecida através de sua unidade linguística, que por sua vez encontra certo nível de estabilidade nos processos de mudança a partir de sua instrumentalização (e aqui podemos incluir, para além do uso na literatura, o registro da língua em gramáticas e dicionários). “The language is stabilized, especially as regards all those alterations which proceed from inaccuracy; local differences are not only restrained from arising, but are even wiped out, so far as the effect of education extends” (WHITNEY, 1875, p. 158)²³.

Whitney ainda menciona um estágio intermediário entre a “barbárie” e a “civilização”, em que essa cultura da escrita é parte da realidade apenas de uma minoria da sociedade, que portanto é aquela que detém os monumentos da linguagem e transmite o padrão da língua a sua descendência, enquanto os outros grupos sociais

²³ “A língua se estabeleceu, sobretudo quanto às alterações decorrentes da negligência e da imprecisão: não somente as diferenças locais não mais se produzem, mas elas desaparecem em toda parte onde os efeitos da educação se propagam” (WHITNEY, 2010, p. 153-154).

a modificam livremente. Nesse contexto, a língua se divide em um dialeto culto, que diz respeito à antiga língua comum, ensinada e repassada de geração em geração; e em um dialeto popular, descendente do primeiro. Em determinado momento da história, o segundo toma o lugar do primeiro e se torna a língua dita culta, enquanto outras transformações seguem ocorrendo desprendidas da nova padronização. Por essa lógica, a norma se transforma na medida em que a sociedade se transforma. A subsistência da linguagem está intimamente relacionada à sociedade que a utiliza, em suas mais variadas instâncias e relações, e à produção dos chamados monumentos da língua.

A condição linguística do mundo segue uma direção paralela a sua condição política. Isso significa que não somente as relações entre indivíduos de um mesmo povo influenciam sua história, mas também as relações entre diferentes povos. Whitney (1875; 2010) explica que uma língua, ou uma família de línguas, é aniquilada pela destruição da comunidade de falantes ou pela adoção de outra língua por essa comunidade. Sobre este último caso, podemos pensar que, da mesma forma que a criança vivendo num país estrangeiro poderia adquirir uma língua completamente diferente daquela que seus pais e seus antepassados falavam, uma sociedade, que, como frisa o autor, não é senão um conjunto de indivíduos, poderia adquirir uma língua estrangeira e não guardar registros da sua língua original.

Por último, uma vez que, para o autor, a língua não é uma característica intrínseca à “raça”, que não há um laço necessário entre uma e outra, os indivíduos adquirem a língua que lhes é transmitida por aqueles que o cercam. A língua testemunha apenas uma instituição transmitida que, sob incentivo suficiente, pode ser abandonada por seus herdeiros ou assumida por outros povos (WHITNEY, 1875; 2010). As circunstâncias exteriores determinam a língua dos indivíduos, e isso está relacionado a fatores políticos, econômicos e sociais, inclusive nos casos em que duas comunidades, ou dois povos, se misturam. Dito isso, compreende-se, então, que a

junção de povos e “raças” diferentes numa mesma sociedade por vezes é também a mistura de culturas e línguas e, dada a necessidade de comunicação, os sujeitos sociais tendem a misturar as línguas, ou a optar entre uma e outra.

4 Considerações finais

Ao longo deste texto, buscamos resgatar, a partir de uma perspectiva historiográfica, aspectos sociais da linguagem no pensamento do linguista norte-americano William Dwight Whitney (1827-1894). De modo específico, analisamos a obra *The life and growth of language* (WHITNEY, 1875), com apoio da tradução brasileira *A vida da linguagem* (WHITNEY, 2010), que reúne as ideias fundamentais do autor sobre temas de linguística geral, fruto de estudos e reflexões por ele desenvolvidos em momentos anteriores de sua carreira acadêmica.

Como resultado, pudemos perceber que o social tem um papel muito importante na teoria de Whitney. A linguagem, definida como expressão do pensamento, serve à necessidade de comunicação humana e é aprendida pelo indivíduo a partir da comunicação com aqueles que o cercam. É, ao mesmo tempo individual e coletiva, moldada e modificada de acordo com as relações sociais estabelecidas entre os sujeitos; e os estudos linguísticos, portanto, consideram não apenas a observação de elementos internos à língua, mas também suas relações com questões de ordem externa.

O linguista defende que a língua é passada de geração em geração pelos membros que compõem uma determinada sociedade, e que seu uso em detrimento de outra língua independe da “raça” ou da constituição dos indivíduos. A língua é transmitida pela tradição e, por isso mesmo, é sujeita à mudança. Sendo a função primeira da linguagem a comunicação, os indivíduos tendem a seguir essa tradição, isto é, a dar continuidade aos usos linguísticos da sociedade em que vivem; recorrem, então, a modificações quando percebem a necessidade de aperfeiçoar velhos

elementos, ou quando os elementos já disponíveis não são capazes de atingir os sentidos pretendidos. Entretanto, Whitney enfatiza que, porque a língua pertence ao coletivo, para que uma mudança de fato ocorra, é preciso que esse coletivo assimile a forma e que a tradição a mantenha; do contrário, permanecerá apenas como uma particularidade do indivíduo e desaparecerá junto com ele.

Whitney compreende, enfim, que existem diversas particularidades linguísticas numa mesma comunidade de falantes. O equilíbrio entre aquilo que pertence ao individual e aquilo que pertence ao coletivo é visto no arranjo final da linguagem. As diferenças na língua se relacionam a aspectos como o grau de escolaridade das pessoas, seu estrato social, sua faixa etária, a situação comunicativa em que se encontram e a profissão que exercem. E, em última análise, a subsistência da linguagem está intimamente relacionada à sociedade que a utiliza, em suas mais variadas instâncias e relações, e à produção de “monumentos da língua”, registros de seus estados ao longo do tempo.

Dito isso, salientamos a importância da retomada da teoria de Whitney, cujas ideias podem ser consideradas, como também ressaltam Severo e Görski (2019), como os primeiros apontamentos para a instituição de uma ciência linguística, como introdutoras dos aspectos sociais nos estudos da linguagem e como representativas de viradas epistemológicas significativas para as investigações desenvolvidas em seu tempo. Além disso, é preciso lembrarmos que o resgate aos fundamentos dos estudos desenvolvidos na contemporaneidade nos conduz a uma postura mais crítica em relação ao direcionamento de nossas investigações.

Esclarecemos, por fim, que nossas reflexões podem ser ampliadas, na medida em que outros escritos de Whitney sejam examinados e comparados (ou somados) à obra aqui analisada. Ademais, no que diz respeito ao resgate da abordagem de aspectos sociais da linguagem nos estudos linguísticos antes do advento institucional da Sociolinguística, entendemos que outros autores, contemporâneos e posteriores a

Whitney, precisam ser (re)visitados. Essas e outras questões podem ser levadas em consideração em empreendimentos historiográficos futuros.

Referências

CRUZ, M. A. Prefácio à edição brasileira. *In*: WHITNEY, W. D. **A vida da linguagem**. Trad. Marcio Alexandre Cruz. Petrópolis: Vozes, 2010. p. 7-13.

FARACO, C. A. Antoine Meillet e a Construção da Linguística Moderna. *In*: MEILLET, A. **Como as palavras mudam de sentido**. Organização e edição de R. F. Benthien e M. S. Palmeira. Edição bilíngue e crítica. São Paulo: Editora da USP, 2021. p. 119-129.

FARACO, C. A. Estudos pré-saussurianos. *In*: MUSSALIN, F.; BENTES, A. C. (org.). **Introdução à linguística 3**. São Paulo: Editora Cortez, 2004.

KOERNER, E. F. K. **Toward a History of American Linguistics**. London; New York: Routledge Taylor & Francis Group, 2002.

KOERNER, E. F. K. Historiografia Linguística. *In*: KOERNER, E. F. K. **Quatro décadas de historiografia linguística: estudos selecionados**. Trás-os-Montes e Alto Douro: Centro de Estudos em Letras, Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro, 2014. p. 17-28.

KOERNER, E. F. K. Questões que persistem em historiografia linguística. **Revista da ANPOLL**, n. 2, p. 45-70, 1996. DOI <https://doi.org/10.18309/anp.v1i2.240>

LONG, O. W. William Dwight Whitney. **The New England Quarterly**, v. 2, n. 1, p. 105-119, 1929. Disponível em: <https://www.jstor.org/stable/359822>. Acesso em: 31 jan. 2023.

MARRA, D. **Whitney, Saussure, Meillet e Labov: implicações metodológicas e conceituais da noção de língua como um fato social para os estudos linguísticos**. 2012. 162 f. Tese (Doutorado em Letras e Linguística) – Faculdade de Letras, Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2012. Disponível em: [https://files.cercomp.ufg.br/weby/up/156/o/Tese - Daniel Marra da Silva.pdf](https://files.cercomp.ufg.br/weby/up/156/o/Tese_-_Daniel_Marra_da_Silva.pdf). Acesso em: 02 dez. 2022.

MILANI, S. E. Historiografia dos estudos de Willian D. Whitney: a lei do menor esforço. *Linha D'Água*, n. 20, p. 51-65, 2007. DOI <https://doi.org/10.11606/issn.2236-4242.v0i20p51-65>

SAUSSURE, F. de. **Curso de linguística geral**. Trad., notas e posfácio Marcos Bagno; apresentação Carlos Alberto Faraco. São Paulo: Parábola, 2021.

SEVERO, C. G.; GÖRSKI, E. M. Revisitando Whitney: das dimensões social e política no estudo da linguagem. *Acta Scientiarum. Language and Culture*, v. 41, n. 1, e43009, 2019. 12 p. DOI <https://doi.org/10.4025/actascilangcult.v41i1.43009>

SEYMOUR, T. D. William Dwight Whitney. *In*: SEBEOK, T. A. (org.). **Portraits of Linguists**: a biographical source book for the history of Western Linguistics, 1746-1963, volume 1. Indiana University Press, 1966. Disponível em: <https://publish.iupress.indiana.edu/projects/portraits-of-linguists-vol-1>. Acesso em: 06 fev. 2023.

SWIGGERS, P. A historiografia da linguística: objeto, objetivos, organização. *Confluência*, Rio de Janeiro, n. 44-45, p. 39-59, 2013. Disponível em: <https://revistaconfluencia.org.br/rc/article/view/602>. Acesso em: 31 jan. 2023.

SWIGGERS, P. Historiografia da Linguística: princípios, perspectivas, problemas. *In*: BATISTA, R. de O. **Historiografia da Linguística**. São Paulo: Contexto, 2019. p. 45-80.

WHITNEY, W. D. **A vida da linguagem**. Trad. Marcio Alexandre Cruz. Petrópolis: Vozes, 2010.

WHITNEY, W. D. **The life and growth of language**: an outline of linguistic science. New York: D. Appleton and Company, 1875.